

EU VOU TIRAR VOCÊ DESSE LUGAR O UNIVERSO FEMININO NA MÚSICA DE ODAIR JOSÉ¹

Antonio César da Silva Pinheiro²

RESUMO: O objetivo desse trabalho é observar e discutir o papel feminino na obra do cantor e compositor popular Odair José, onde notamos várias canções com letras que tratam do universo da mulher trabalhadora e marginalizada, em ocupações mal-vistas ou desprezadas pela sociedade, mais precisamente no auge de sua produção artística que coincidiu com o período em que vigorava o AI-5, entre 1968 e 1978, contribuindo com a discussão acerca da relação de gênero na sociedade.

Palavras-chave: Odair José, mulher, sociedade, gênero, regime militar

ABSTRACT: The aim of this study is to observe and discuss the role of women in the work of folk singer and songwriter Odair Jose, where we see several songs with lyrics that deal with the world of working women and marginalized occupations disapproved of or scorned by society, more precisely in height of his artistic production that coincided with the period in which the AI-5 in force between 1968 and 1978, contributing to the discussion of gender relations in society.

Word-Keys: Odair José, woman, society, gender, military regime

BREGA OU CHIQUE: A MÚSICA EXCLUÍDA

Canções serviram e servem tanto para estimular pessoas a aderirem a certas causas, como para irem às ruas questionando e lutando por mudanças radicais ou causando mudanças comportamentais. O blues, o rock, o folk, o Hip-Hop, as nossas MPBs. A música como forma de denúncia é muito estudada, mas encontramos um vácuo onde o estudo não se aprofunda que é na música popular, pejorativamente denominada música “brega”. Uma forma de expressão artística que chega às camadas mais pobres, nos subúrbios, nos lugares menos elogiados. Por exatamente chegar a esse público, seus expoentes cantam a vida ordinária desse povo: seus amores, suas ocupações, seus dilemas, seu cotidiano. Não raro percebemos músicas que tratam de cachaça, traição, trabalho, “mulher de vida fácil”, mulher ingrata, enfim, a vida simples do povo humilde, cantada por artistas que, em sua maioria, também são originários dessa camada mais simples da sociedade. Alfaiates, engraxates, motoristas, empregadas domésticas. Paulo Sérgio, Agnaldo Timóteo, Nelson Ned e Carmem Silva são exemplos.

¹ Este artigo, produzido para fins de apresentação do IV Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED, 2012, é resultado de pesquisa realizada para elaboração de trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do Prof. Msc. Idelmar Cavalcante.

² Acadêmico do Bloco VII do curso de Licenciatura Plena em História, UESPI – PI, Campus de Parnaíba

A palavra “brega”, usada para definir essa música, inclusive, só começou a ser utilizada no início dos anos 80, quando Eduardo Dusek lança sua música Brega e Chique (também dando nome a uma novela). Conforme escreve o historiador Paulo César de Araujo em seu livro *Eu não sou cachorro não – música popular cafona e ditadura militar*

Ao longo da década de 1970, a expressão utilizada é ainda “cafona”, palavra de origem italiana, *cafône*, que significa indivíduo humilde, vilão, tolo. Divulgada no Brasil pelo jornalista e compositor Carlos Imperial, a expressão “cafona” subsiste hoje como sinônimo de “brega”, que, segundo a Enciclopédia da Música Brasileira, é um termo utilizado para designar “coisa barata, descuidada e malfeita” e a “música mais banal, óbvia, direta, sentimental e rotineira possível, que não foge ao uso sem criatividade de clichês musicais ou literários. (ARAÚJO, 2007: 20)

Uma música deixada de lado pela elite mais culta, desprezada ao se escrever sobre música popular brasileira, como o que diz Edgar Morin “aquilo que se despreza não merece ser estudado e pensado”³.

A música tornou-se, aos olhos do pesquisador, um documento importante e instigante, contendo ali várias possibilidades de análise do cotidiano, das mentalidades, nos campos macro e micro, das questões universais como das questões quase invisíveis, de tão corriqueiras. Nesse âmbito, inserimos a obra do artista popular Odair José e suas personagens femininas, que não tem nome, pois são muitas, aos milhares. De fato, uma música popular, por chegar dentro dos lares mais afastados, no seio das famílias, dentre as quais priorizo as mais humildes.

As músicas que serão abordadas e analisadas nesse trabalho não são citadas como música de protesto, como essa expressão ficou conhecida⁴, nem são denominadas elegantemente de MPB, sigla essa que, segundo Marcos Napolitano

“(…) se tornava quase um conceito estético e, sobretudo, político, traduzindo uma música engajada, com letra sofisticada, de bom nível e, de preferência, inspirada nos gêneros mais populares, como o samba”. (NAPOLITANO, 2006: 85)

Essa MPB a qual se refere Napolitano seria um gênero de letras mais bem elaboradas, feitas para chegarem a um público mais elitizado, chique, contrapondo o brega. Apesar de venderem milhões de discos, lotarem espaços, tocarem intensamente nas programações musicais das rádios, estarem “*na boca do povo*” (como diria o apresentador Bolinha da TV Bandeirantes), ficam também, como suas personagens, à margem.

³ Edgar Morin. “Não se conhece a canção”. In. Linguagem de cultura de massa. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 144

⁴ Músicas que apresentavam, de maneira implícita ou explícita, críticas à política e fatos sociais.

Artistas como Odair José, em vez de *escreverem* “*Olha que coisa mais linda mais cheia de graça*”, “*Fonte de mel nos olhos de gueixa...*”, preferem “*Eu vou tirar você desse lugar, eu vou levar você pra ficar comigo*”. Que lugar seria esse? Seria um lugar indigno, onde essa mulher luta pra sobreviver, e onde fica afastada da sociedade, humilhada, proscrita. Todos falam dela, mas para o amante “*não interessa o que os outros vão falar*”.

A vida da “secretária da beira do cais” era duríssima, em contradição com a expressão popular “mulher de fida fácil”. Uma vida de realidade brutal, no seu dia-a-dia de pobreza e sonhos, como bem diz Assis Brasil, em seu livro *Beira-Rio, Beira-Vida*:

Tivera as primeiras ilusões, entusiasmos – estranho como podia partilhar da vida daqueles desconhecidos – de repente estavam na maior intimidade, os corpos nus sem nenhum receio, sem nenhuma vergonha – o carinho passageiro em seus rostos, as palavras forjadas, para nunca mais voltar a ver as mesmas feições – outras caras, outros dentes, outros cheiros, outros queixos, lisos e barbados, as promessas ingênuas – tiro você daqui dessa miséria, dou casa, uma vida melhor, você não merece isso, essa vida à toa – tão nova e já desgraçada.

Qual deles teria sido sincero?(BRASIL, 2008: 104)

Sucesso de uma ponta à outra do Brasil, essas canções que fazem parte da memória coletiva de um povo, patrimônio afetivo de uma grande camada de nossa sociedade, são desconsideradas pela historiografia que trata da música popular brasileira. Tal como suas personagens, tem um lugar reservado para elas, e não podem misturar-se.

DEIXA ESSA VERGONHA DE LADO

Esse tipo de canção, de enorme sucesso no período estudado, não seria bem vista pelos militares, então governantes do Brasil, por ferirem os ouvidos da família brasileira, mostrando aí a face conservadora do regime. Não bastava combater os artistas que eram claramente contrários ao governo militar em músicas que, de tão óbvias, eram censuradas. Esse tipo de música também sofreu intervenção, afinal, eram estimuladas músicas que enaltescessem o país e sua classe de trabalhadores “honestos”, esse era um “país que vai pra frente”, como diz uma música da dupla Dom e Ravel. Prostitutas, homossexuais e temas como noitadas de amor eram consideradas ofensivas, teriam que ter parte censurada ou modificada. Agnaldo Timóteo e Odair José tiveram músicas censuradas por tratarem desses temas. Mas não iam somente até aí. Odair José, que é o tema central desse trabalho, provocou a ira do regime militar, defensor da moralidade e dos bons costumes.

O que rolava na música popular brasileira era o namoro no portão sob a luz do luar – diz ele – “e eu vim falando de cama, de pílula, de puta, de empregada doméstica, porque essa é a realidade do Brasil. E eu sou um cantor da realidade. Eu não sou um cantor de sonhos. Eu sempre digo isto às pessoas: não ouçam os meus discos esperando ouvir sonhos; vocês vão ouvir a realidade. Então foi por isso que eu me tornei um artista polêmico e a censura começou a me proibir. (ARAÚJO, 2007: 57)

Na canção "*Deixa Essa Vergonha De Lado*"⁵, Odair José deu seu total apoio à empregada doméstica, função que no início da década de 1970 não era legalizada, e a música de Odair ajudou em muito para que essa profissão fosse o que é hoje, por isso, Odair ficou com a alcunha de "o terror das empregadas". O artista foi também um grande defensor da criação do dia da empregada doméstica⁶, sendo homenageado pela classe, no primeiro show comemorativo⁷. A barreira social no relacionamento com um rapaz de classe média e o espaço reservado para a empregada é cantada nos versos: "*Deixa essa vergonha de lado / pois nada disso tem valor / por você ser uma simples empregada / não vai modificar o meu amor...*" e em "*Eu sei que o seu quarto fica lá no fundo / e se você pudesse fugia desse mundo / e nunca mais voltava...*"

Isso não atrairia tanto a ira dos censores, como outras de suas canções iriam fazer. O regime militar foi um regime extremamente moralista, dotado de um discurso onde não se admitia a sublevação política e comportamental, nisso incluído o erotismo. A música *Je t'aime...mon non plus*, do francês Serge Gainsbourg foi censurada, em 1969, e o Exército chegou até mesmo a ocupar a fábrica da gravadora Philips, recolhendo exemplares do álbum. Na época costureiro, Clodovil foi retirado do júri do programa Discoteca do Chacrinha, na TV Globo, em 1972, Sílvio Santos também teve que demitir um de seus jurados.

Muitas canções de Odair José seriam vetadas, parcialmente ou totalmente pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas. O carimbo de “vetada” o obrigava a recolher a canção ou modificá-la, retirando a palavra, frase ou sentido obsceno. Músicas como *Em qualquer lugar*: “Se você quiser / a gente pode amar / no meio desse mundo / em qualquer lugar / dentro do meu carro / parado em um jardim / debaixo do chuveiro / você sorri pra mim.../ a gente ama até demais / e quando se tem um grande amor / em qualquer lugar a gente faz.” foi vetada totalmente em 1973, podendo ser gravada somente 12 anos depois, com o

⁵ Deixa essa vergonha de lado (Odair José – Andreia Teixeira) Gravação de Odair José. LP “Odair José” – Polydor. P. 1973.

⁶ Comemorado a 27 de abril

⁷ Jornal da Tarde, 8/11/1973

título de *Quando a gente ama*⁸. A justificativa seria “a descrição de atitudes comportamentais alusivas ao desejo sexual.”⁹

Outra música que causaria problemas a Odair José foi *A primeira noite de um homem*, inspirada em filme de mesmo nome, tendo Dustin Hoffman no papel principal: “*A primeira noite de um homem / é uma noite tão confusa / é uma noite tão estranha.../ meu desejo era tanto / que eu nem sabia por onde começar / o meu corpo esquentava / eu tremia / não conseguia nem falar...*”. Vetada por tratar-se de “assunto altamente inconveniente e como a música é de uma índole popularesca e seria consumida por público jovem, torna-se ainda mais contra-indicada sua liberação.”¹⁰ Com a proibição da música, foi decidido então que o próprio autor iria a Brasília tentar resolver o impasse:

A empresa pensou assim: ‘Vai lá, e o que eles apontarem de errado na letra, você muda alguma coisa.’ Eu fui com essa intenção”. E, segundo Odair José, ele conversou com algumas autoridades do governo, até mesmo com o todo-poderoso chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva. “Encontro com general você sabe como é que é, né? Eu fui acompanhado de um advogado e me lembro que no avião, durante a viagem, ele ia me orientando: ‘Não responda nada, não questione nada, aceite tudo o que o general disser.’ Chegando lá eu falei com o Golbery e expliquei que a intenção da música não era corromper a juventude, que eu até poderia mudar alguma coisa na letra e tal, mas ele me disse: ‘Não! Está proibida a idéia! (ARAÚJO, 2007: 59)

Essa música seria muito importante para o LP prestes a ser lançado, então arriscaram por conta própria alterar a letra e conservar a melodia, mas conservando o sentido e deu certo. A música passou pelo crivo dos militares com o título *Noite de Desejos*¹¹ e os versos: “*E foi então que aconteceu.../...eu tinha medo e não queria / mas meu desejo era maior.../...foi naquela noite a primeira vez / e eu nunca esqueci.../...o meu corpo esquentava / eu tremia...*”. Os corpos de homens e mulheres mantidos sob vigilância e cuidado pelo regime. Em outra canção Odair José seria mais explícito, dadas as condições da época, ao relatar o amor bissexual. Apaixonado, aceitaria a condição de sua mulher lésbica: “*Sei que és entendida e vai entender / Que eu entendo e aceito a tua forma de amor.../... Ame, assume e consuma / O teu verdadeiro sentido do sentir / E nem penses que eu vou proibir.../ O beijo no beijo / o igual no igual/ trocando, entregando, buscando / chegando ao delírio final/... É proibido proibir.*”

⁸ Quando a gente ama (Odair José) Gravação de Odair José. LP “Odair José”. EMI-Odeon. P. 1985

⁹ Parecer datado de 29 de abril de 1973, do Serviço de Censura de Diversões Públicas da Guanabara

¹⁰ Parecer datado de 26 de março de 1974, do Serviço de Censura de Diversões Públicas da Guanabara

¹¹ Noite de Desejos (Odair José) Gravação de Odair José. LP “Lembranças”. Polydor. P. 1974

Dez anos depois das manifestações e pichações em Paris, Odair José na canção *Forma de Sentir*¹², trazia a frase que Caetano já cantara: É proibido proibir. Desta vez, falando do amor, que deveria ser livre, vivido de qualquer maneira. Qualquer maneira de amar vale a pena, como escrevera Milton Nascimento e Fernando Brandt na canção Paula e Bebeto.

O FRUTO DESSE AMOR

Falamos até aqui dos temas empregada doméstica e cama. Outros temas abordados por Odair José que refletem a condição feminina são a prostituição e a pílula anticoncepcional, numa época em que havia uma maior vigilância dos corpos e de uma política da moralidade.

A puta, como o próprio prefere dizer, a mulher que, por algum motivo, foi parar num lugar de diversões que a amparou, mas que lucra com sua atividade sexual foi muito bem retratada em “*Vou tirar você desse lugar*”¹³.

Olha... A primeira vez que eu estive aqui
Foi só pra me distrair
Eu vim em busca do amor
Olha...
Foi então que eu te conheci
Naquela noite fria
Em seus braços meus problemas esqueci
Olha...
A segunda vez que eu estive aqui
Já não foi pra distrair
Eu senti saudade de você
Olha...
Eu precisei do seu carinho
Pois eu me sentia tão sozinho
Já não podia mais lhe esquecer

Eu vou tirar você desse lugar
Eu vou levar você pra ficar comigo
E não interessa o que os outros vão pensar

Eu sei...
Que você tem medo de não dar certo
Pensa que o passado vai estar sempre perto
E que um dia eu posso me arrepender
Eu quero

¹² Forma de Sentir (Odair José). Gravação de Odair José. LP “Coisas Simples”. RCA-Victor. P. 1978

¹³ Eu vou tirar você desse lugar (Odair José). Gravação de Odair José. Compacto Simples “Odair José”. CBS. P. 1972.

Que você não pense nada triste
Pois quando o amor existe
Não existe tempo pra sofrer

Eu vou tirar você desse lugar
Eu vou levar você pra ficar comigo
E não interessa
O que os outros vão pensar

Uma música que fala de situação corriqueira na noite, dos artistas, do cidadão comum. A mulher, optando ou sendo recebida para ser a trabalhadora de um ambiente em decadência hoje, mas muito popular no período estudado. No ambiente, ela encontra e se vende a homens diferentes todas as noites. Ininterruptamente. Até que, em alguns casos, o cliente se apaixona e promete e às vezes a retira dali.

A história é a seguinte: o cara trabalhava o dia inteiro e ao final do dia, em vez de ir pra casa, ele passava ali para tomar um drinque e tal. E com esse drinque começava um grande romance. No dia seguinte ele voltava para tomar um segundo drinque, e mais um terceiro, porque já estava realmente apaixonado por alguém dali. Eu assisti muito isso. Porque ali se encontram moças extremamente dignas, e o fato de estar naquele trabalho é apenas uma opção ou circunstância da vida, porque às vezes você faz planos de vida e a vida muda seus planos. (ARAÚJO, 2007: 150)

Essa música seria regravada no ano seguinte, em dueto com Caetano Veloso, no LP Phono 73¹⁴. Odair José foi convidado por Caetano para o duo. Odair, no princípio reticente devido o receio do público, acabou por aceitar. O público que, no início vaiou Odair José, terminou a apresentação aplaudindo-o, principalmente ao cantar o trecho “*e não interessa o que os outros vão pensar*”.

Outro grande representante da MPB que elogia Odair José é Dorival Caymmi:

Certa vez, no camarim de um show da Nana – recorda Odair – “Dorival Caymmi fez um comentário que me trouxe grande satisfação pessoal. Ele botou aquela mãozina gordona sobre meu ombro e falou: ‘Odair, eu sou apaixonado por aquela sua canção que diz ‘eu vou tirar você desse lugar’. De todos nós compositores, você foi quem melhor descreveu a história da puta. (ARAÚJO, 2007: 149)

Nessa situação, a mulher não é liberta, e sim presa de uma circunstância. No entanto, a “libertação” da mulher também aconteceu na época, com o advento da pílula anticoncepcional.

¹⁴ LP registro do festival Phono 73, reunindo o elenco da gravadora Phonogram nos dias 11,12,e 13 de maio de 1973.

Em 1973 seria proposto ao compositor, escrever uma canção sobre a pílula. A idéia era compor algo onde o namorado propusesse a sua namorada o uso da pílula para aproveitarem melhor o sexo, sem medo da gravidez. No entanto, na época, o regime militar apoiava a Bemfam (Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil), uma entidade que desenvolvia campanha de controle de natalidade, principalmente no Norte-Nordeste e nas favelas cariocas, onde distribuíam folhetos com a frase “Tome a pílula com muito amor”. Idéia já defendida por Thomas Malthus no século 18, em sua obra *Ensaio sobre o princípio da população*, em que defende que os pobres seriam os principais responsáveis pela pobreza, proliferando-se. Odair José resolveu então colocar-se do outro lado da trincheira, como que conclamando à desobediência civil.

“Todo dia a gente ama / Mais você não quer deixar nascer / O fruto desse amor / Não entende que é preciso / Ter alguém em nossa vida / Seja como for.../... Você diz que me adora / Que tudo nessa vida sou eu / Então eu quero ver você / Esperando um filho meu.../... Pare de tomar a pílula / Porque ela não deixa nosso filho nascer!”

Uma vida só ou *Pare de tomar a pílula*¹⁵ foi um sucesso avassalador. Lançada num dia, no outro já era primeiro lugar na parada. Tocava de norte a sul. Mas logo veio a repressão. A música foi proibida. Proibida a execução, mas nos shows o público pedia a música. Agentes da Polícia Federal faziam plantões em frentes aos locais dos shows para alertá-lo da proibição e, se cantasse, estariam ali para prendê-lo. Num desses shows¹⁶, lotado o ginásio, cantou depois de pedidos insistentes. Cantou como que fosse a última vez. No fim do show os agentes já estavam de prontidão para levá-lo preso. Detido e admoestado, seus produtores viram que era hora de sair do país. Como Caetano Veloso e Gilberto Gil, Londres foi a cidade escolhida para o exílio. A música só sairia da clandestinidade em 1979, no mesmo decreto assinado por João Figueiredo, onde também foram liberadas *Cálice*, *Apesar de Você* e *Pra não dizer que não falei das flores*.

A obra de Odair José vem sendo reabilitada nos últimos tempos, principalmente depois do lançamento do álbum-tributo *Vou Tirar Você Desse Lugar*, em 2005, onde artistas como Zeca Baleiro, Pato Fu, Mundo Livre, Mombojó entre outros homenageiam o “cantor das empregadas”.

¹⁵ Uma vida só (Pare de tomar a pílula) (Odair José – Ana Maria) Gravação de Odair José. LP “Odair José”. Polydor P. 1973.

¹⁶ Colatina, Espírito Santo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao invés de alienada, em contraponto à arte engajada, essa música pode ser incluída na vertente da produção artística que registrou o comportamento da época (1968-78), numa forma de afronta ao regime militar, tocando em temas considerados fora do padrão de moralidade que esperavam vigorar no Brasil. A sutileza pode revelar resistência. A mulher, pobre, excluída ou amada, protagoniza momentos de erotização em um ambiente político altamente controlador. Na música popular encontramos, aqui, oposição à tentativa de disciplinamento dos corpos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não – Música popular cafona e ditadura militar**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008
- BRASIL, Assis. **Tetralogia Piauiense – Beira Rio Beira Vida**. Teresina: FUNDAP, 2008
- MALTHUS, Thomas Robert. **Economia. Ensaio sobre o princípio da população**. São Paulo, Editora Ática, 1982
- MELLO, Zuza Homem de. **Enciclopédia da música brasileira: popular, erudita e folclórica**. 2ª Ed. São Paulo: Art Ed./Publifolha, 1998
- MORIN, Edgar. “**Não se conhece a canção**”. In. **Linguagem de cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973
- NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006